



CARTOGRAFANDO AS JUVENTUDES NA ESCOLA: PERSPECTIVAS SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADES A PARTIR DAS SÉRIES DE STREAMING

CARTOGRAFÍA DE LA JUVENTUD EN LA ESCUELA: PERSPECTIVAS SOBRE GÉNERO Y SEXUALIDADES A PARTIR DE SERIES DE STREAMING

MAPPING YOUTH AT SCHOOL: PERSPECTIVES ON GENDER AND SEXUALITIES FROM STREAMING SERIES

*André Luiz Bernardo Storino*¹

*Ivan Amaro*²

RESUMO

Este artigo apresenta reflexões preliminares de uma pesquisa em andamento, realizada com alunas/os do terceiro ano do ensino médio, em duas escolas públicas no Rio de Janeiro, com o objetivo de investigar como as discussões de gênero e sexualidade pautadas nas séries de streaming influenciam na a produção das subjetividades juvenis localizadas em territórios periféricos. Dessa forma, objetiva-se analisar como essas identidades podem ensejar uma (des) construção das narrativas hegemônicas sobre gênero e sexualidade, a partir de suas representações, ao mesmo tempo, refletir também como os/as jovens as percebem, as recepcionam e se apropriam de suas agências na construção de si e as fazem reverberar no cotidiano da escola. Valendo-se da cartografia como método primordial e da conversa como procedimento relevante para a produção das informações, pretende-se constituir um conjunto de reflexões que ajudem a pensar na relevância dos artefatos culturais na produção das subjetividades juvenis contemporâneas.

PALAVRAS-CHAVE: Streaming. Juventudes. Cartografia.

RESUMEN

Este artículo presenta la trayectoria metodológica de un proyecto de investigación en curso llevado a cabo con estudiantes de tercer año de secundaria en dos escuelas públicas de Río de Janeiro, que ha buscado investigar cómo las discusiones sobre género y sexualidad basadas en series de streaming se relacionan con la producción de subjetividades juveniles. El objetivo es analizar cómo esas identidades pueden llevar a una (de)construcción de narrativas hegemónicas sobre género y sexualidad, a partir de sus representaciones, reflexionando también sobre cómo los jóvenes las perciben, las reciben y se apropian de su agencia en la construcción del yo y las hacen reverberar en el cotidiano escolar. Utilizando la cartografía como método primario y la conversación

¹ Doutorando em Educação. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro-UNIRIO, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

² Doutor em Educação. Universidade Estadual do Rio de Janeiro-UERJ, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

como procedimento relevante de produção de informação, se pretende criar um conjunto de reflexões que ajudem a pensar a relevância de los artefactos culturais en la producción de subjetividades juveniles contemporáneas.

PALABRAS CLAVE: Streaming. Juventud. Cartografía.

ABSTRACT

This article presents the methodological path of an ongoing research project carried out with third-year high school students in two public schools in Rio de Janeiro, which has sought to investigate how discussions of gender and sexuality based on streaming series relate to the production of youth subjectivities. The aim is to analyze how these identities can lead to a (de)construction of hegemonic narratives about gender and sexuality, based on their representations, while also reflecting on how young people perceive them, receive them and appropriate their agencies in the construction of the self and make them reverberate in the daily life of the school. Using cartography as a primary method and conversation as a relevant procedure for producing information, the aim is to create a set of reflections that help us think about the relevance of cultural artifacts in the production of contemporary youth subjectivities.

KEYWORDS: Streaming. Youth. Cartography.

* * *

Definindo as rotas da pesquisa

As séries veiculadas nas plataformas de *streaming*³ têm configurado novos modos de consumo das audiovisualidades, bem como têm indicado modos de ser e estar no mundo em movimentos diversos. Elas tendem a lançar suas/seus telespectadoras/es-consumidoras/es em uma imbricada rede, pois seus endereçamentos as/os impelem antes, durante e depois das conversas e, por vezes, debates, com amigas/os mais próximos, até as/os mais distantes, com desconhecidas/os, nas/pelas redes sociais, seja em comunidade com esta finalidade ou não. Isso nos aponta para uma constatação de que vem se constituindo uma “cultura das séries” (Silva, 2014)

Esta cultura tem promovido a enunciação de frases que são parte de nosso cotidiano, tais como: “*preciso colocar minhas séries em dia*”, “*hoje, vou ficar em casa, só maratonando*”. Provoca, assim, um novo modo de consumo do audiovisual: “*maratonar a série*”, que significa assistir a todos os episódios de uma série em um único dia, já que todo o conteúdo, quando lançado, já se encontra completo nas plataformas. O acesso aos serviços de *streaming* permite que o usuário veja as séries quando e onde quiser, bem como usando qualquer dispositivo.

³ *Streaming* é a tecnologia que permite a transmissão de dados, como vídeos e áudios, por meio da internet, sem a necessidade de baixar o conteúdo em qualquer dispositivo.

É certo que esta cultura também provoca um engajamento que faz com que as pessoas “se sintam parte de algo”, dentro de um estilo *hype*⁴ constituído pelo lançamento de uma nova série, de um novo programa, de uma nova temporada, que movimenta as redes sociais e as rodinhas, principalmente, de jovens. Para sentir-se pertencente a um grupo, o jovem precisa estar “por dentro”. Assim, o universo das séries consubstancia-se no disparador para conversas, postagens, discussões. Para estar *hype*, o sujeito é levado a maratona a série e, caso não o faça, fica excluído.

Esta forma de consumo se coloca quase como uma obrigação, tendo em vista que as plataformas de *streaming* permitem que o indivíduo acesse toda a programação de uma vez. Não só, mas sobretudo entre as juventudes, podemos perceber o acionamento da possibilidade de dar cabo a esta demanda, em que cada uma/um se impõe, ao colocar-se a ‘maratona’ suas séries preferidas.

Dessa forma, seguimos essa rota, como pesquisa em andamento⁵, que tem se dedicado a pensar o consumo das Séries presentes na plataforma *Netflix*⁶, cujas abordagens entrelaçam os temas juventudes, gênero/sexualidade e a escola. As séries são artefatos culturais acessados e consumidos cotidianamente por alunas e alunos do terceiro ano do Ensino Médio, de duas escolas públicas da Baixada Fluminense, no Rio de Janeiro. Elas trazem elementos que compõem os processos de produção da subjetividade, produção de si, a partir de representações das juventudes em constante diálogo com as discussões sobre gênero, sexualidade e a escola.

As noções que cercam o conceito de “juventude” são polissêmicas e devem ser consideradas a partir de sua complexidade histórica, social e cultural (Pais, 1993). Neste

⁴ *Hype* é um termo reduzido de “*hyperbole*”, em inglês que significa exagero. No *marketing*, *hype* tem se configurado como estratégia principal para chamar atenção exagerada sobre o produto em foco. Significa, também, o assunto que está dando o que falar, que está “bombando”, que é comentado por todo mundo. O termo *hype* também pode estar ligado à tecnologia. O “X”, antigo *twitter*, é um *hype* pois é visto como um lugar que potencializa as opiniões de pessoas antenadas e, caso o assunto ganhe grande visibilidade, é alçado aos “*trending topics*”, ou seja, sobe num *ranking* dos assuntos do momento. Enfim, *hype* é o ápice, o que há de mais intenso, interessante, influente. É a balada do momento, são as roupas mais descoladas e alternativas, são as pessoas influentes e antenadas. Trata-se de um termo que faz parte da gíria jovem indicando uma tendência que é promovida rapidamente e de forma extrema, seja por meio de postagens nas redes sociais ou entre grupos de pessoas com interesses semelhantes. Tornou-se no universo jovem, um estilo de vida.

⁵ Pesquisa de doutorado com financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, CAPES, Brasil e que desenvolve-se no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro-UNIRIO.

⁶ Segundo o próprio site, a Netflix se autodefine como um serviço de *streaming* por subscrição que permite aos seus membros assistirem a séries, filmes, documentários, shows num dispositivo online. Dependendo do plano, o assinante pode baixar o conteúdo para um dispositivo e assisti-los offline.

sentido, anunciamos que nossa concepção se sustenta numa perspectiva plural, entendendo, assim, que “juventudes” várias se constituem em processos dinâmicos contextuais, históricos, e culturais não consubstanciando-se num modelo universal e essencializado dos modos de ser jovem e viver a juventude. Concordamos, dessa forma, com uma visão diversa da juventude, conforme defende Juarez Dayrell (2003). Para ele, a juventude se constitui de modo muito variado de acordo com

a forma como cada sociedade, em um tempo histórico determinado, e, no seu interior, cada grupo social vão lidar com esse momento e representá-lo. Essa diversidade se concretiza com base nas condições sociais (classes sociais), culturais (etnias, identidades religiosas, valores) e de gênero, e também das regiões geográficas, dentre outros aspectos (Dayrell, 2003, p. 42).

Nesta perspectiva, a visão de juventude não mais se sustenta em inflexíveis critérios que a coloca como uma etapa com determinada finalidade ou como um tempo de preparo para a vida adulta. Mesmo compreendendo que há um demarcador biológico que caracteriza o início da juventude (mudanças hormonais, corporais, capacidade de procriar, sentimento de maior autonomia, inseguranças psicológicas, assunção de responsabilidades, busca pela independência), compreende-se que as juventudes são cosntruídas em processos que não são lineares e subsequentes. Não se trata de um tempo que se interpõe entre a infância e a vida adulta, simplesmente. Trata-se de um momento que reflete um conjunto de transformações múltiplas e intensas, numa perspectiva mais ampla da constituição das subjetividades. Conforme Dayrell (2003), a juventude não está restrita a uma passagem de uma etapa a outra.

Ela é influenciada pelas relações sociais constituídas, pelas manifestações e criações culturais de determinado território, com determinados marcadores históricos. É, também, uma espécie de representação, tendo em vista que as formas diversas com as quais cada sociedade, em determinado tempo histórico, vai lidar de modos muitos específicos de representar as juventudes, conforme nos alerta Angelina Peralva (1997), retratando condições de classe social, raça, etnias, identidades, gênero e sexualidades. Assim, a ênfase que compartilhamos é que a noção de juventudes, no plural, representa a diversidade dos modos de ser jovem, compreendidos, também, como sujeitos sociais de direitos. A intenção desse artigo é apresentar as etapas iniciais de sua construção teórico-metodológica, o que nos têm permitido perceber como essa juventude acessa esses artefatos culturais específicos, com quais interesse e motivos, com que idade e por quais

meios os têm consumido⁷. E como a sua produção foi necessária para dialogar com a perspectiva metodológica assumida, a partir dos referenciais da cartografia e da conversa como metodologia de pesquisa. Ao mesmo tempo, visualizar as pistas que nos têm levado a identificar como essas juventudes têm provocado a escola dialogar com as temáticas presentes nas Séries, como esses modelos as/os atravessam e como elas e eles permitem que reverberam em suas experiências e modos de ser jovens na periferia.

Cartografar com/na/pela escola, e seguir pistas conversando.

A cartografia é uma possibilidade metodológica que opera sob a perspectiva de que a produção do real não advém de uma concepção ontológica do sujeito e nem do espaço, ambos não são tomadas dicotomicamente, mas que ao mesmo tempo não se fundem em um só. Ela abdica da compreensão de uma metafísica dual entre sujeito e objeto, entre espaço e quem o habita. Parte, antes e sobretudo, do vislumbre de que os corpos que o habitam, habitam-no produzindo, tateando os espaços ao mesmo tempo em que também se produzem a si mesmos e produzem-se por meio deles conforme nos indicam Gilles Deleuze (1992, 1995, 1996); Fernand Deligny (2015); Suely Rolnik, (1989).

Processo que pode ser pensado como um habitar ou acontecimento, ou como uma irrupção de uma singularidade quando se trata de olhar a história (neste caso, aqui reduzimos a estória de cada pessoa), conforme apontado por Irene de Arruda Ribeiro Cardoso (1995), ao demonstrar como Foucault toma a noção de acontecimento: “o acontecimento como a irrupção de uma singularidade única e aguda, no lugar e no momento de sua produção” (p.55). Ou, ainda, como Gabriela Menezes Jaquet (2016), ao afirmar que essas singularidades tornam-se possibilidades de realização, pois resultam dos enunciados e das práticas ocorridas na atuação dos corpos, entre aquilo que é visível e o que se é enunciado (p. 725). Poderíamos dizer que esses acontecimentos criam mapas!

Nas perspectivas de Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995), fala-se de mapas que são produzidos pela sua forma rizomática, isto é, traçados e tramas que se formam pela composição de linhas que não obedecem à lógica do ser, mas do acontecimento. Ou seja,

⁷ Os dados aqui são parte preliminar da pesquisa, pois nos possibilitou a eleição da Série *Sex Education*, a qual tem sido exibida em um grupo que convençionamos chamar de Grupo de Exibição e Conversa-GEC. Assistimos alguns episódios e continuamos as conversas que se iniciaram em diferentes lugares da escola: pátio, sala de aula, intervalos, passeios e grupo de WhatsApp.

seu modo de realização se faz num continuum, pois não se pode fixar o início e o fim desse mapa, seus limites, uma vez que o rizoma não começa e nem termina.

Podemos perceber que a produção desses mapas está também presente na forma de nos movermos em nossos espaços cotidianos, são experienciados na singularidade, na sua forma de habitar e transitar nos/pelos espaços que cada uma/um vivencia. Esse mover-se na escola, que se constitui para além dos seus limites físicos são produzidos por quem a habita, por alunas, alunos e alunas ao produzirem os ecos ouvidos em diferentes lugares, através de diferentes corpos e práticas que carregam um pouco de escola por onde quer que se vá.

Por isso, algumas pistas que a cartografia nos oferece, ora nos permitiu conversar no interior dos espaços físicos da escola, como nos corredores, na sala de aula, como em momentos intervalares entre uma aula e outra, dentre outros; ora nos impeliu a sair de lá e considerar que as conversas em lugares outros, como, no transporte a caminho do Museu, a caminho do Clube em uma confraternização de fim de ano, em visita a um Sítio para conversarmos sobre preservação da natureza, dentre outros, podem produzir outros mapas. Assim, seguimos os caminhos guiados por umas das pistas do processo de cartografar, de acordo com Virgínia Kastrup (2014), que faz parte e conduz, de certa forma, boa parte do investimento dedicado ao tempo e ao espaço da pesquisa, que se mesclam, isto é, em quê e onde pousamos a nossa atenção.

Atenção esta sempre flutuante e aberta, sem a preocupação de a tudo perceber e de ser jogado na tentação de a tudo compreender e explicar, mas de se deixar tocar, uma vez que “(...) tateia, explora cuidadosamente o que lhe afeta sem produzir compreensão imediata” (Kastrup, 2014, p. 40). Atenção que exige da conversa, como metodologia de pesquisa, a presença do outro em uma escuta honesta e uma partilha sincera, em “Que não se busque chegar a um consenso, a uma verdade, a uma solução, mas, antes ao necessário movimento do pensamento, à inquietude do pensar, ao deslimite da pergunta”, conforme nos indicam Tiago Ribeiro, Rafael de Souza, Carmen Sanches Sampaio (2018, p. 175)

Como nossas conversas se deram em diferentes espaços e foram se estendendo para além dos muros da escola e ultrapassando seu tempo regulamentado, pois as/os participantes desse processo começaram em 2023, ainda estudantes do terceiro ano do ensino médio, e em 2024, ex-alunas/os que voltam à escola para dar prosseguimento às conversas sobre as Séries (neste caso, a Série *Sex Education*), sobre o que pensam e sobre si mesmas/os nos GEC.

E, como as Conversas se deram em diferentes lugares, percebeu-se que a atenção, naquilo que aponta Kastrup, é tocada por algo que força a sua afetação, ou seja, a escolha do que mirar, advém, sobretudo, de se estar aberto a ver a produção dos dados, e não da sua coleta, isto é, ela (...) é tocada nesse nível, havendo um acionamento no nível das sensações, e não no nível das percepções ou representações de objetos” (2014, p. 42). Nesse sentido, é importante salientar que os espaços da produção dos dados dessa pesquisa considera o *dentrofora*, antes e depois, da escola como lugares habitados pelas/os participantes, por isso se vale do reconhecimento atento, no qual é elaborado no próprio caminhar e permite “(...) a própria criação do território de observação (2014, p. 45)”.

Das conversas e dos territórios em trânsito, fomos levados nesse movimento pela pesquisa ao seguir as pistas: cartografar é “acompanhar processos (Barros; Kastrup, 2014, p. 52)” e “habitar um território existencial (Alvarez, Passos, 2014, p. 131)”. Neste caso, é fundamental aludir que as séries já compunham as preferências audiovisuais das/dos discentes e se colocavam processualmente presentes nas vivências que compõem suas experiências, que produzem subjetividades, discutem agências e as relações de poder, evidenciando as discussões sobre juventudes, gênero e sexualidades.

A conversa iniciada na escola, a partir das Séries, permitiu esse ‘estar junto’ e tornar perceptível o desenho dessa rede de forças, a qual o fenômeno encontra-se conectado e traz uma possibilidade de acompanhamento. É sua reverberação nas experiências de cada participante que produzem subjetividades e nos permitem pegar esse fio de uma processualidade, pois não começou na escola, já estava em curso em outros *espaçostempos* de sociabilidade juvenil trazido por elas e eles, em suas vivências, não para ser descrito, nem representado, mas vivido e experienciado.

Experimentado, a partir do compartilhamento de um “elo-territorial” (Barros; Kastrup, 2014, p. 63), aqui representado pelo próprio espaço escolar, um ‘*elo-docente/discente*’, uma vez que a relação de proximidade também já estava em curso como alunas/os, e um ‘*elo-audiovisualidade*’, cuja dinâmica da Série e suas configurações, foram motivadores das conversas e construíram um “território existencial” (Alvarez; Passos, 2014, p. 131).

Assim, entendemos que habitar o território existencial, nessa pesquisa, não se reduz a utilização das Séries para gerar debate com alunas e alunos, que já as têm como artefato cultural consumido. Também não se limita a investigar a percepção das/os participantes do que pensam sobre elas. Não caminha na direção de construção de um

currículo, nem na proposta de atividades a serem desenvolvidas para a promoção da discussão de gênero no ambiente escolar, embora todas essas perspectivas possam acontecer, ainda que não seja necessariamente o que miramos. Contudo, todas elas compõem, de certo modo, o que aqui entendemos como habitar um território existencial, isto é, pesquisamos com pessoas, produzimos os espaços com elas e habitamos esses espaços ao mesmo tempo em que os produzimos (Alvarez; Passos, 2014).

Dessa forma, se podemos falar em uma ‘estrutura’ do método cartográfico e da utilização da conversa como caminho metodológico é como a possibilidade destas perspectivas metodológicas têm nos permitido acompanhar a confluência entre às (im) posições de um jeito de viver (representações/Séries), conforme sugerem Hall(2016); Rosa, Zanette, Felipe(2021); como se vive de fato (ente negociações na produção de si) e como isso transparece quando habitamos determinado tempo e lugar (performatividade), conforme aponta Butler (2015). No caso dessa pesquisa, o lugar dessas vivências tem sido a escola; e esse tempo, o da juventude. Assim, esse território existencial é singular, traz imbricações de um tempo e de um espaço que se encontra em construção constante, nunca acabado, ou seja, elas e eles estão dialogicamente fazendo e sendo feitos. Mas, produzem esse *espaçotempo* com as experiências e vivências cotidianas e que os compõem, desde interações familiares às representações do audiovisual que consomem.

Mas como chegamos a elas? É a descrição deste caminho que este artigo vai se debruçar, a elaboração de um mapa que já estava lá, mas que foi se construindo no próprio fazer, como produção de si mesmo e de cada participante.

Como chegamos às séries? Trajetórias incertas e tortuosas...

Para iniciar este percurso, sobrevoamos, primeiro, alguns sites que sugerem as Séries ao público com a temática sensível, foco de nossas preocupações no intuito de perceber as ‘listas’ que são apresentadas e os títulos que compõem as reportagens, ou seja, aqueles que desejam falar às juventudes.

A comédia, o drama, a aventura, o romance, dentre outras classificações trazem um diálogo com as questões de gênero e de sexualidade que têm conversado com os Estudos de Gênero e Sexualidades, isto é, tensionando e questionando a cisheteronormatividade, propondo o dissidente e descentralizando a ‘norma’, trazendo corpos e vivências que até então eram silenciadas e retratadas quase sempre na lógica da marginalidade.

Realizamos um recorte entre os anos de 2018 até 2022, para verificar quais as Séries eram indicadas por sites para as juventudes que focalizassem tais assuntos. O recorte se deu, pois as/os participantes do terceiro ano estariam entre o oitavo ano do Ensino Fundamental e o segundo ano do Ensino Médio, e as reportagens poderiam ser lidas como direcionadas, não só, mas, principalmente, a esse público.

Procedemos a uma busca pela ferramenta *Google*, com a chamada “*séries para adolescentes e jovens e sexualidade*”, consideramos as listas publicadas pelos sites, em que elas são sempre apresentadas como as preferências naquele momento. Em janeiro de 2022, o site *kira.intimus* traz as cinco séries como ‘preferidas’ pelos jovens: *Sex Education*, *Sexify* e *Big Mouth*, disponíveis na Netflix. Já na HBO Max: *A vida sexual das universitárias* e *Euphoria*. Da Editora Abril, o site o Guia do Estudante traz, em 9 de setembro de 2021, uma reportagem fazendo a alusão ao dia internacional do sexo com a seguinte chamada: “*7 séries jovens para assistir no Dia do Sexo: A data é controversa, mas é um bom pretexto para conferir uma lista de séries que tratam a sexualidade jovem de forma mais aprofundada*”. Aparecem as séries *Sex Education*, *Euphoria* e *Big Mouth*, *13 Reasons Why*, *Skins*, *Elite* e *Boca a boca*.

Quando a chamada foi “*Série sobre juventude, gênero e sexualidade*”, o site Terra traz em julho de 2020 uma lista com 8 nomes e o seguinte título: “*8 séries sobre sexualidade disponíveis na Netflix. Confira uma lista de produções que tratam do assunto de forma leve e divertida, mas sem deixar de informar*”. São elas: “*Explicando... o Sexo*”, *Sex Education*, *Big mouth*, *Easy*, *Amizade Colorida*, *Amor e sexo pelo mundo*, “*Eu, tu e ela*” e *Valéria*. Enquanto no site Glamour Globo traz com o título “*13 séries que abordam o sexo de uma forma construtiva. Afinal, precisamos falar sobre o tema da maneira mais consciente possível*”. As que se repetem são: *Sex education*, “*Eu, tu e ela*” e *Easy*. Por último, em 2018, aparece no site *adorocimena* uma indicação de 5 séries com o seguinte título: “*5 séries de adolescentes com temas adultos*”. São elencadas *Skins*, *Shameles* e as já citadas *Sex Education*, *Euphoria* e *Big Mouth*. A tabela abaixo apresenta as Séries que apareceram como indicações nos sites pesquisados.

Tabela 1 – Todas as Séries que aparecem como indicações nos sites

Séries	Lançamento	Faixa Etária	Temporadas	Capítulos	Plataforma	Gênero
13 Reasons Why	2017	18	4	*12 ⁸	Netflix	Drama
A vida sexual das universitárias	2021	16	2	10	HBO Max	Drama
Amor e sexo pelo mundo	2018	16	1	6	Netflix	Documentário
Big mouth	2017	16	6	10	Netflix	Comédia
Boca a boca.	2020	16	1	6	Netflix	Drama
Easy	2016	16	3	* 9	Netflix	Comédia
Elite	2018	18	6	8	Netflix	Drama
Eu, tu e ela	2016	16	5	10	Netflix	Comédia
Euphoria.	2019	18	2	8	HBO Max	Drama
Explicando.. o Sexo	2020	16	1	5	Netflix	Documentário
Heartstopper	2022	12	1	8	Netflix	Romance
Sex Education	2019	16	3	8	Netflix	Comédia
Sexify	2021	16	2	8	Netflix	Comédia
Shameles	2011	16	11	* 12	HBO Max	Comédia
Skins	2007	16	7	* 8	Netflix	Drama
Valéria.	2020	18	2	8	Netflix	Drama

Fonte: Elaborado por Storino, 2023.

Para sobrevoar os lugares em que as juventudes fazem ecoar suas vozes e podem representar a si mesmas, dentro dos limites que lhes são impostos, pairamos pelas redes sociais do Facebook e do Instagram, afim de identificar as comunidades que existem sobre as séries, pois compreendemos que elas se desenham, por vezes, como espaço em que elas e eles buscam para partilhar suas impressões sobre o que veem. Tornando, assim, mais um indicativo que nos auxiliam para acompanhar os processos até então vivenciados nas conversas iniciais.

⁸ * Em média.

Para escolher os termos que compõem a chamada no Facebook e no Instagram, partiu-se do recorte advindo dos sites como das conversas iniciais na escola, reduzindo assim para as seguintes séries: *Sex Education*, *Euphoria*, *Big Mouth* e *Heartstopper*. Neste sobrevoo, o foco foi identificar a quantidade de comunidades existentes, assim como de membros inscritos nelas. Consideramos apenas as comunidades que trazem o nome da Série como parte do Título.

No Facebook, *Heartstopper* conta com 7 comunidades e 79,8 mil membros. Já *Sex Education* possui 3 comunidades e 45, 5 mil membros; *Big Mouth* e *Euphoria* com 33,7 e 33,2 mil membros e 2 comunidades, respectivamente. No Instagram, *Heartstopper* conta com mais de 10 comunidades e 2,5 milhões de membros. *Sex Education*, com mais de 5 milhões de membros. *Big Mouth* têm 433 mil e *Euphoria* passa dos 7,5 milhões. Dessas últimas três, há pelo menos entre 5 e 10 comunidades com um número muito expressivo de membros, além das muitas comunidades com um número pequeno de membros. Todas as comunidades visitadas foram criadas entre 2020 e 2022.

Dessa forma, para organizar uma primeira sondagem das Séries, nas turmas dos terceiros anos do Ensino Médio, foi pensado e elaborado um pequeno questionário contendo as seguintes séries: *Sex Education*, *Euphoria*, *Big Mouth* e *Heartstopper*. esta última, por se tratar de uma série do ano de 2023, bem nova, mas com comunidade expressiva, organizadas em torno do livro.⁹

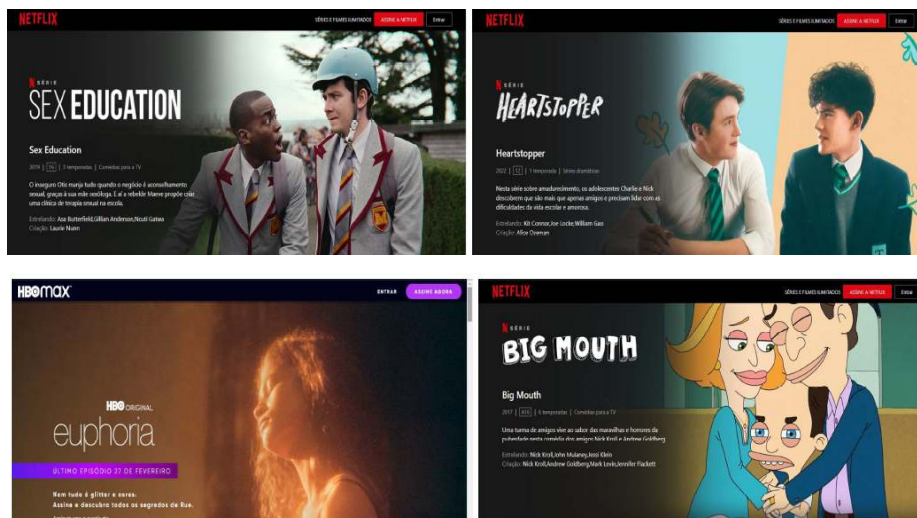
A necessidade do questionário como procedimento metodológico se impôs, posto que, para a organização do que pretendíamos, ou seja, formar um grupo para exibir e conversar sobre alguns episódios, demandou uma consulta que permitisse a manifestação do desejo de participar do grupo, uma vez que, somente pelas conversas iniciais, exigiria um trabalho demasiado e nem sempre exequível que era ir ao encontro de cada uma/um pelo espaço escolar. Espaço que nem sempre enseja o “esbarrar”, ainda que intencionalmente, com todas e todos dos terceiros anos, haja vista pelo tempo e organização dos horários de entrada, saída e intervalo para a alimentação.

A dinâmica de sondagem utilizando o questionário se deu em seis turmas, da seguinte maneira: a solicitação de resposta a cada pergunta do questionário era acompanhada de imagens exibidas em slides, seguida da chamada original que constava

⁹ Mesmo após o lançamento da série, não há uma distinção muito evidente de se tratar de comunidades direcionadas aos que preferem o livro e debatem questões somente dos livros ou dos que gostam da série em si.

na plataforma de *streaming*, assim como de algumas imagens de cenas de episódios aleatórios. A aplicação ocorreu nos meses de abril e maio de 2023.

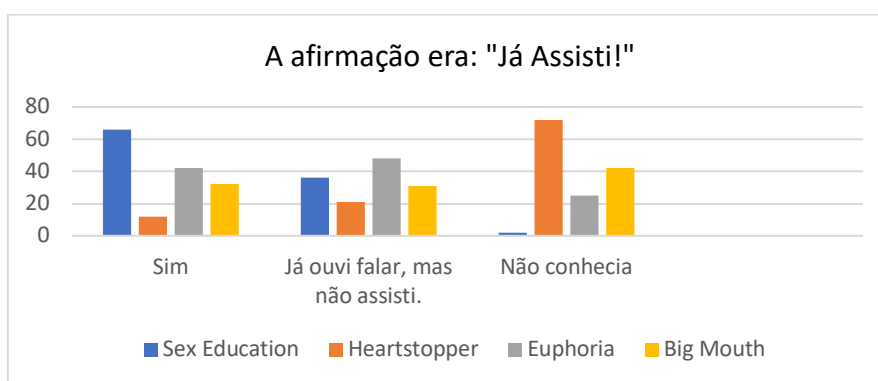
Figura 1 – As chamadas originais.



Fonte: Prints das telas do canal de streaming.

Foram seis turmas do Terceiro Ano do Ensino Médio, em duas escolas. Dos 141 presentes, 105 aceitaram participar respondendo ao questionário. A Série mais conhecida e mais assistida por elas e eles foi a *Sex Education*, seguida de *Euphoria*, *Big Mouth* e *Heartstopper*. Conforme apontam abaixo,

Gráfico 1 - Quando perguntado se já tinham assistido.



Fonte: Elaborado por Storino, 2023.

Daí, então, construímos alguns critérios para selecionar as/os futuros/as participantes do grupo em que iríamos exibir episódios e conversar sobre as temáticas ali presentes, de modo que a resposta a essa primeira pergunta tornou evidente que as Séries com essa temática são um dos artefatos culturais acessados por elas e eles. Tal informação

permitiu a continuidade da busca, a partir de alguns dos nossos objetivos da pesquisa, pois miramos analisar como essas identidades podem ensejar uma (des) construção das narrativas hegemônicas sobre gênero e sexualidade, a partir da representação e performatividade que as constituem, dialogando com os conceitos de representação (Hall, 2014, 2015, 2016) e performatividade (Butler, 2015), dentro da lógica do acontecimento (Larrosa, 2015), refletir também como os/as jovens as percebem, as recepcionam e se apropriam de suas agências na construção de si e as fazem reverberar no cotidiano da escola.

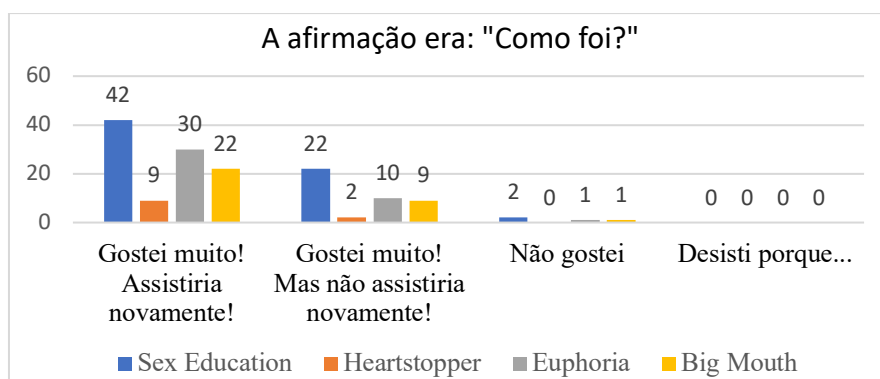
Tomando os conceitos de gênero e sexualidade na perspectiva pós-estruturalista, em que o sujeito não advém nem de uma posição ontológica e nem metafísica de uma natureza fixa, mas conforme afirmar Butler, ao tomar o sujeito na relação de entre sexo e gênero, isto é, um não decorre do outro, mas antes são ambos constructos que convergem nos discursos que se elaboraram para a eles dar significados. O gênero “(...) como fenômeno inconstante e contextual, o gênero não denota um ser substantivo, mas um ponto relativo de convergência entre conjuntos específicos de relações, cultural e historicamente convergentes” (2015, p. 33), ou seja, tanto o gênero quanto o sexo são efeitos de “instituições, práticas e discursos cujos pontos de origem são múltiplos e difusos” (Butler, 2015, p. 10).

Por isso, ainda que sempre tenha havido na história a tentativa de estabelecer os conceitos de sujeito, gênero e sexualidade como unívocos, a partir de um padrão heteronormativo, cuja feitura e simetria são vacilantes, é preciso compreender que eles operam em constantes disputas (Louro, 2014; Butler, 2015). Disputas que colocam em jogo os conceitos de identidade e a diferença, ou seja, quem é que se pode se definir a si mesmo e definir o outro dentro dessa relação. Então, pensar, a partir das Séries, como as diferenças têm sido acionadas na elaboração e reprodução das identidades, sobretudo aquelas que se pode tomar como dissidentes, LGBTQIAPN+, e configuradas nas representações produzindo e definindo mais ou menos as identidades que podem ser e existir. Então, com o intuito era assistir novamente algumas dessas, seguimos indagando pela possibilidade de dedicar-se mais um tempo ao que já tinham visto.

Assim, perguntamos se haviam gostado e se assistiriam novamente. A indicação de que “gostei muito” e que, sim, ‘assistiria novamente’ foi significativamente bem maior do que a de “ter gostado, mas que não assistiriam novamente”. O que, de certo modo, tornaria indicativo de que seria possível a participação no grupo de exposições e de conversas. Quando o convite foi feito, ao final do questionário, para participar dos

encontros, que envolvia a visualização de alguns episódios e conversas sobre os mesmos, tivemos 63 candidatas/os que aceitaram.

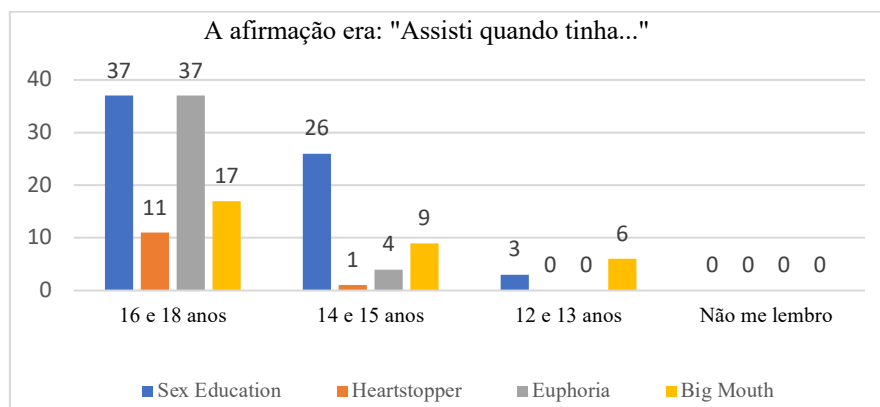
Gráfico 2 – Avaliação positiva em relação as séries.



Fonte: Elaborado por Storino, 2023.

Uma preocupação pertinente à pesquisa, uma vez que começou dentro da escola, e ainda continua nela, foi perceber com que faixa de idade elas e eles tinham assistido às Séries. Embora seja esta uma questão a ser problematizada, uma vez que, em alguns casos, as idades indicadas ao assistir estavam abaixo da classificação indicativa, conforme se pode observar no gráfico 3. Assim, as séries que têm classificação de 16 anos, como *Sex Education*, foram assistidas quando tinham entre 13 e 15 anos de idade. A própria Série *Euphoria* tem classificação etária de 18 anos, enquanto a média das idades das alunas do terceiro ano estava entre 16 a 18 anos, no ano de 2023. O que para a nossa pesquisa tornar-se-ia inviável a sua utilização.

Gráfico 3 - Quantos anos tinham quando assistiram.

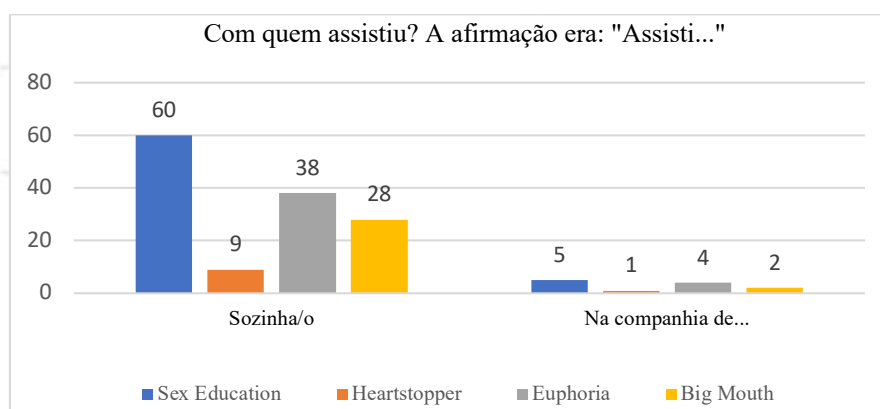


Fonte: Elaborado por Storino, 2023.

Aqui, fica evidente que o acesso a esse tipo de conteúdo possui pouco ou quase nenhuma regulação das famílias daquelas/es que responderam ao questionário em relação a questão da classificação indicativa. Uma constatação de que isso ocorre de fato, embora não nos deteremos, aqui, a investigar as causas dessa pouca regulação pelas famílias ou se elas/eles criaram artifícios que as/os permitem burlar tal regulação, quando existente. Nosso apontamento é de que essa regulação se tornou ainda mais difícil, uma vez que alguns indicaram assistir pelo celular, mesmo considerando que a maior parte acessou pela TV.

Contudo, quando a pergunta era se assistiam sozinhos/as ou na companhia de alguém, as respostas são quase unânimes em afirmar que é uma atividade realizada individualmente. As/os que disseram assistir com alguém não passou de 12 estudantes, sendo que 10 desses indicaram assistir na companhia da mãe, irmão e irmã. Não aparece nenhuma resposta em que tenham assistido na companhia de amigas/os ou pais

Gráfico 4 - Assistiram com quem?

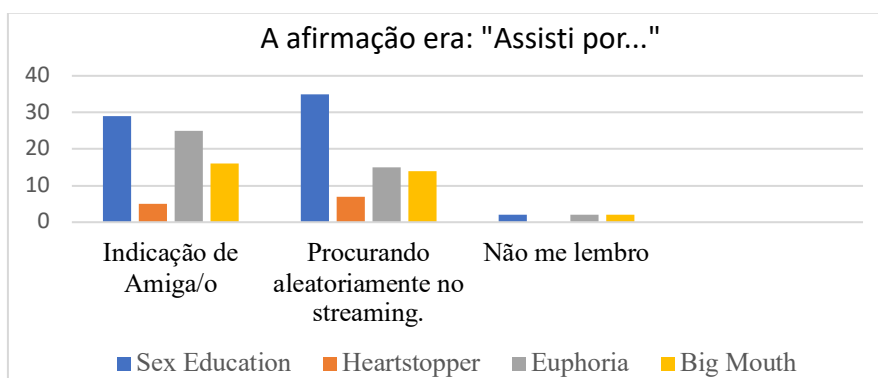


Fonte: Elaborado por Storino, 2023.

Embora o ato de assistir seja um ato solitário, o interesse em assistir nasce da relação das trocas em grupos e conversas de amigas/os, principalmente. Mas, há também uma forma de acessar que traz um constante diálogo que as plataformas de *streaming* proporcionam: a busca aleatória no catálogo. Uma condição de transição entre as gerações daquelas/es que não tinham essa acessibilidade e possibilidade de escolha que as plataformas oferecem, em relação a TV aberta. E aqui nos perguntamos: o quanto as chamadas pelos títulos com conotação que levam à sexualidade implícita ou até mesmo explícita, quanto às imagens, entre capa e trailer, funcionam como indicativo de endereçamento nessa busca?

Isto pode ser observado no gráfico 5, quando perguntadas/os “Como tomou conhecimento sobre as séries”. Há um equilíbrio entre os números dos que consumiram pelas indicações de colegas e quem buscou por si só nas plataformas. Equilíbrio que conversa com os dados do gráfico 6, quando perguntadas/os sobre os motivos de assistir. Também há uma assimetria entre o que dizem das séries, das avaliações positivas das pessoas, e uma identificação com os temas e assuntos abordados / retratados.

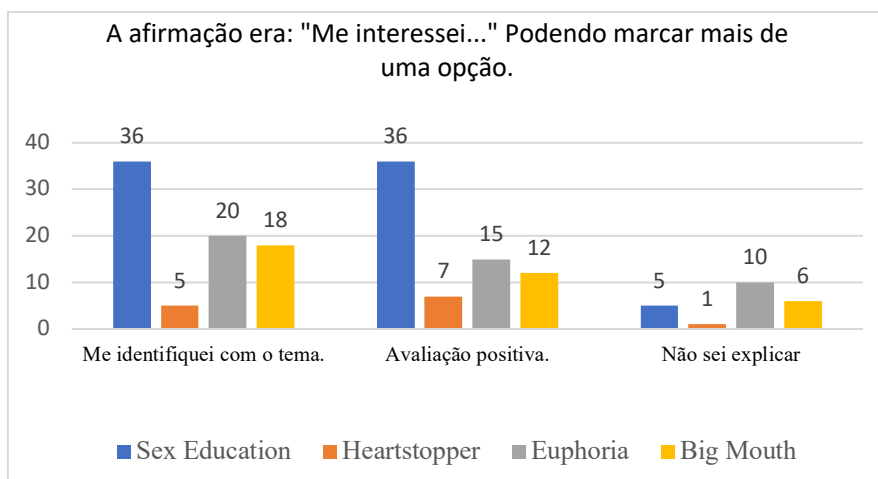
Gráfico 5 - Como tomou conhecimento?



Fonte: Elaborado por Storino, 2023.

Embora pareça um tanto lugar comum que a avaliação positiva de outras pessoas sobre aquilo que elas/es se identificam, tal junção traz elementos que perseguimos e estamos a analisar, ou seja, o interesse pela temática de séries que trabalham justamente as disputas que as juventudes travam no campo das representações e performatividades que explicitamente discutem narrativas dissidentes sobre gênero e sexualidades.

Gráfico 6 - Motivos apresentados para ter assistido.



Fonte: Elaborado por Storino, 2023.

Tal equilíbrio entre essa identificação e os apontamentos dos iguais nos permitiu perceber que a busca é, em parte, orientada não apenas pela ocupação em se entreter, o que por si só teríamos que problematizar, uma vez que a pergunta seria: existe o puro entretenimento que não produz subjetividade? Um caminho que não se sustenta, além de dicotomizar e dualizar nossas experiências? A produção das representações cria uma forma de manutenção das identidades, normatizando e normalizando o que pode e excluindo aquilo que quer se rechaçar.

Assim, a busca por temáticas que lhes são sensíveis, cujas perspectivas representam as vivências de personagens historicamente marginalizadas, contudo agora empoderadas, parece apontar para a utilização de mecanismos que lhes permitam, de alguma forma, tomar essas representações como possibilidade de identificação e agência, conforme discutem Cristiano Eduardo Rosa, Jaime Eduardo Zanette, Jane Felipe (2021).

Figuras como os alunos Eric e Adam, em *Sex Education*, que vão superar diversas barreiras, resistir a muitas violências para manter-se em seu relacionamento amoroso são representações que os/as afetam. Ou como na escola *Truham*, de *Heartstopper*, em que *Charlie Spring*, enquanto tenta se desvencilhar de um relacionamento abusivo com outro menino, percebe que sua relação com outro colega de classe *Nick Nelson*, pode ser mais que uma amizade. Ao mesmo tempo em que *Nick Nelson* vai descobrindo, aos poucos, e tentando compreender seus sentimentos por *Charlie*, ao mesmo tempo em que se questiona sobre a sua própria sexualidade, a descoberta de si e de sua orientação sexual.

Considerações em suspensão: por onde seguir?

Valer-se desse caminho metodológico, a conversar para cartografar ao mesmo tempo em que cartografa-se conversando, a produção desse mapa, que as juventudes produzem, sobre seus interesses e sobre a produção de si, ao consumir as Séries nas plataformas de streaming, nos permitiu perceber como esses artefatos culturais têm dialogado e atravessado as experiências e vivências no que tange as demandas do temas sobre gênero e sexualidade. Dessa forma, jovens se veem e se percebem a partir das imagens e configurações que se estabelecem no material audiovisual constituindo suas subjetividades, não sem questionamentos e críticas.

Mapa que não tem lugar determinado para começar, nós começamos pelas Séries, elas se espriam nas redes sociais, em sites, por meio delas e deles, delas se apropriam, em suas performatividades, na escola, e fora dela, em conversas consigo mesma/o, entre amigos/os,

com a família, chama a sociedade a conversar. Elas, como produção de uma realidade assistida e consumida diariamente, e que perpassam as práticas que as juventudes têm utilizado para conversar com o seu tempo; as/os discentes, com suas formas de resistências e produção de si, ao mesmo tempo em que produzem também os espaços em que habitam com tudo que se é.

As caminhadas futuras vão atravessar os sentidos que se constituem, se destituem, se (re) criam e se (re) inventam nos modos de ser viver a juventude na contemporaneidade. E a escola não pode fechar os olhos para estas dimensões complexas que envolvem temas atuais sobre gênero e sexualidade com as juventudes que habitam este território.

Referências

ALVAREZ, Johnny; PASSOS, Eduardo. Cartografar é habitar um território existencial. In.: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. (orgs.) *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2014.

BARROS, Laura Pozzana; KASTRUP, Virgínia. Cartografar é acompanhar processos. In.: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. (orgs.) *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Trad. Renato Aguiar. 8 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015. (col. Sujeito e História).

CARDOSO, Irene de Arruda Ribeiro. Foucault e a noção de acontecimento. *Tempo Social*, [S. l.], v. 7, n. 1/2, p. 53-66, 1995. DOI: 10.1590/ts.v7i1/2.85206. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ts/article/view/85206>. Acesso em: 21 ago. 2023.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. *Revista Brasileira de Educação*; n. 24, 2003.

DELEUZE, Gilles. *Conversações, 1972-1990*. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1992. (Coleção TRANS)

DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. *Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia, vol. 1*. Trad. Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995. (Coleção TRANS)

DELEUZE, Gilles. *Critica e clinica*. Trad. Peter Pal Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1997. (Coleção TRANS)

DELIGNY, Fernand. *O aracniano e outros textos*. Trad. Lara de Malimpensa. São Paulo: n-1 edições, 2015.

- HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In. SILVA, Tomaz Tadeu da (Org). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 15 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva & Guacira Lopes Louro. 12 ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.
- HALL, Stuart. *Cultura e representação*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.
- JAQUET, G. M. Discursivo e não-discursivo: Acontecimento em Foucault, Deleuze e Veyne. *Sapere Aude*, v. 7, n. 14, p. 715-731, 26 dez. 2016. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/SapereAude/article/view/P.2177-6342.2016v7n14p715>. Acesso em: 21 ago 2023.
- LARROSA, Jorge. *Tremores: escritos sobre experiência*. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015. (Coleção Educação: Experiência e Sentido)
- LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 16 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- KASTRUP, Virgínia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In.: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCOSSIA, Liliana da. (orgs.) *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2014.
- PAIS, José Machado. *Culturas juvenis*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1993.
- PERALVA, Angelina. O jovem como modelo cultural. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, ANPEd, n. 5/6, 1997
- RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de; SAMPAIO, Carmen Sanches. (Orgs) *Conversa como metodologia de pesquisa: por que não?* Rio de Janeiro: Ayvu, 2018.
- ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.
- ROSA, Cristiano Eduardo; ZANETTE, Jaime Eduardo; Jane Felipe. Da série “Sex Education” aos desafios contemporâneos de uma educação para a sexualidade. *Revista Textura*. v. 23 n. 53, jan./mar. 2021. Disponível em: <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/view/5802>. Acesso em: 07 jan 2024.
- SILVA, M. V. B. *Cultura das séries: forma, contexto e consumo de ficção seriada na contemporaneidade*. *Galaxia*(São Paulo, Online), n. 27, p. 241-252, jun. 2014.
- STORINO, André Luiz Bernardo. *Juventudes, gênero e sexualidades: conversas (para além do) no espaço escolar, a partir dos atravessamentos da série Sex Education*. 105. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Estadual do Rio de Janeiro-UNIRIO, Rio de Janeiro-RJ, 2023. (Em elaboração)

Recebido em abril de 2024.
Aprovado em julho de 2024.

Revista
Diver  **idade**
e Educação